

RUBEM BRAGA

MINA E MÊDO

Lendo em "Realidade" a sóbria e impressionante narrativa de Hamilton Ribeiro, que foi gravemente ferido por uma mina no Vietnã, lembrei-me de um mau momento que passei na Itália. Acho que nunca, nem antes nem depois, senti tanto medo em minha vida.

A história está contada em meu livro "Crônicas de Guerra", e vou resumi-la aqui. Por simples imprudência, fui com um pracinha ver uma posição em que havia três alemães mortos. Depois de dar alguns passos, vimos que estávamos em um campo minado. Os mineiros de nossa infantaria haviam passado por ali na véspera, mas tinham limpado apenas uma pequena trilha. Para alcançá-la, depois que a descobrimos, era preciso dar alguns passos. Lembro-me que era no começo da primavera, mas ainda fazia muito frio; pois quando, minutos depois, pisei em terra segura, minha camisa estava alagada de suor...

Eu já tinha algumas noções sobre minas, especialmente a que nossos soldados chamavam de "arranca-pé" e na nomenclatura alemã era alguma coisa como *Schuminen* — uma caixa de madeira com uma carga que explodia sob qualquer peso superior a 7 quilos.

Quase nunca matava o homem, mas sempre lhe arrancava o pé ou a perna, além de produzir outros ferimentos. Para que matar? Um homem sem pé é, de qualquer maneira, um combatente a menos. Caído no terreno, com dores, ele pode atrair companheiros para socorrê-lo, com possibilidade de serem vitimados também. Além disso, o ferido dá mais trabalho e mais despesas ao inimigo que o morto, segundo o cálculo frio dos técnicos da guerra...

Lembro-me de que no instante em que o meu medo era mais intenso eu me recordei de uma fotografia de Santos Dumont que vira publicada em

"O Globo" cerca de 15 anos antes; o inventor tinha prêsas às costas duas asas mecânicas com um pequeno motor. Era um aparelho para o vôo individual, que ele estava tentando aperfeiçoar. Naquele momento não apenas revi a fotografia como o próprio jornal, com o título em três ou quatro colunas da direita, no alto de primeira página... Se eu tivesse um aparelho daquele, mesmo que desse para voar apenas alguns centímetros acima do chão, e voar somente poucos metros — estaria salvo —, foi a idéia infantil que me veio na ocasião.

O medo da mina é, na verdade, um medo especial, porque é a falta de confiança no chão. Quando um perigo nos ameaça, e sentimos que não podemos ou não devemos correr, nosso instinto é mergulhar no chão. E ali era exatamente no chão que estava o perigo. Era como se tivéssemos de atravessar, descalços, um trecho de mata que sabíamos cheio de cobras venenosas. A sensação de medo tinha também algo de ridículo e humilhante, pois eu não era combatente nem estava na linha de frente — era vítima de uma simples imprudência. Eu não era como um soldado que está enfrentando um risco fatal e tem de se acostumar à idéia desse risco, pois está ocupado em fazer alguma coisa que é o seu dever. Era apenas um curioso que tinha ido ver alguns malditos cadáveres alemães, e caíra em uma ratoeira...

O medo tem muitas modalidades, e varia não apenas em intensidade e duração como em sua própria natureza. Aquêlê medo da mina, para mim, acho que foi o pior. Talvez tenha sido êle que me tenha levado a recusar, há coisa de um ano, um convite para fazer reportagens no Vietnã... Ao colega Hamilton Ribeiro, mando, neste momento, um abraço de inútil mas calorosa solidariedade.

DN - 14.5.68